

09-09-2022

A ÚLTIMA NOITE QUE NOS COLHE

Alan Machado

[Doutor em Educação, linguista, psicanalista e professor da Universidade Estadual de Goiás]

"Viver é, precisamente, pertencer intimamente ao seu grupo. Vivos ou mortos, os membros do clã pertencem intimamente ao grupo, ao clã".

(Levy-Bruhl)

Manuel Bandeira chamava a morte de “*a indesejada das gentes*”, como que a anunciar o óbvio: ninguém quer morrer, pessoa alguma deseja ter um encontro com a “*iniludível*”, outro nome que o poeta cravou para a morte, em 1930.

A serena melancolia de Bandeira, provavelmente tem raiz na sua tuberculose, doença que o acometeu ainda jovem e que o fez conviver com a sombra inconstante da morte por muitos anos. No início do século XX a tísica ainda era uma enfermidade sem cura, que matava muitas pessoas no mundo. Bandeira atravessou a metade do referido século claudicando, meio lá meio cá, com suas tosses e hemoptises que muitas vezes invadiam sua poesia, tornando-a um lamento triste: “*a vida inteira que podia ter sido e que não foi*”.

Mas a minha intenção não era falar de Bandeira, era falar da morte. Dia desses, ao receber a triste notícia do falecimento de um tio, me dei conta de que a noite desceu sobre a geração anterior à minha arrastando quase todo mundo.

Restam um irmão e uma irmã do meu pai e uma irmã da minha mãe. Não foi difícil concluir que a minha geração entrou na fila da “*iniludível*”. Sinceramente, fico pensando em como é a sensação de total ausência de referências afetivas reais para aqueles que são os últimos de uma geração.

Minha tia, que ficou para apagar a luz da família da minha mãe, o que pensa ela com seus botões nos momentos de lucidez? Deve ser um sentimento de abandono assombroso, uma solidão existencial inominável.

**Se perder o pai, a mãe e todos os irmãos é uma coisa dura de encarar
imaginem perder todos os membros de uma etnia.
Foi o que aconteceu com o índio Tanaru,
conhecido como Índio do buraco.
Arredio ao contato com toda e qualquer gente,
esse ser humano viveu solitário por mais de 30 anos,
depois que madeireiros e grileiros
dizimaram o seu grupo étnico.
O massacre foi tão violento que o Índio do buraco
nunca mais confiou em uma alma sequer
que tentou se aproximar dele.**

Nunca mais aceitou qualquer contato. Por isso não se sabe nada sobre sua língua, seus costumes, seus deuses, seu conhecimento das ervas e das coisas da floresta. Nem um fonema de sua língua natural soou nos ouvidos de quem tentou romper a barreira do isolamento em que vivia. Os que quiseram invadir sua sofrida solidão receberam flechas e mais flechas. O **Índio do buraco** não perdeu esse outro estrangeiro que esmagou o seu povo.

Nisso estava coberto de razão. O homem branco abriu uma chaga indescritível em sua vida. Com o massacre de sua etnia, o **Índio do buraco** se viu completamente só no mundo, sem ter a quem dirigir a palavra, sem poder olhar, sorrir ou falar com um único representante de seu grupo. De certo modo, ele perdeu o outro que o constituía como sujeito, a voz dos seus costumes, dos seus cantos e ritos. Ele ficou para apagar a luz de uma etnia, de uma cultura. Pensando nisso, minha tia, a última da família de minha mãe, não está tão mal, ela perdeu sua geração, de forma natural, não seu povo. Não desejo a ninguém o lugar que o **Índio do buraco** ocupou nos últimos trinta anos. Hoje, com pesar, leio nos jornais que a sombra da noite, a indesejada das gentes, o encontrou prostrado em sua rede, profundamente silencioso, profundamente só no meio da floresta. Com a morte dele o mundo perdeu o último de uma cultura e tudo o que isso significa de prejuízo civilizacional.

Ao que tudo indica, o **Índio do buraco** morreu de morte natural. Mas prefiro pensar que ele já estava morto desde o dia em que se tornou o último de seu povo. Mesmo depois disso, sua existência não foi sossegada. Sobreviveu esse tempo todo porque indigenistas e grupos estrangeiros brigaram na justiça para preservar parte da floresta de sua terra, invadida por fazendeiros inescrupulosos e madeireiros gananciosos.

A garantia da terra indígena foi assegurada depois de muita luta judicial. Nos últimos anos, o índio solitário viveu na terra de seu povo e resistiu ao contato humano. O indigenista Altair Algayer foi quem o descobriu e provou sua existência, além de monitorar suas andanças pelas matas. Embora existam pessoas nobres como Algayer no País, ainda hoje os estrangeiros conhecem mais a história do **Índio do buraco** do que os brasileiros, comumente alheios ao extermínio dos povos originários deste País. Coisa triste!

**Não custa lembrar que aqueles que exterminaram
a etnia desconhecida nomeada de Tanaru,
da qual fazia parte o índio solitário,
estão no poder e continuam a matar os índios,
as florestas e o rios, com apoio e incentivo da cúpula do
poder. Até quando?
Até a sombra da noite cair sobre esses perversos
ou até cair sobre todos nós?**

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.